

A BÍBLIA E A MÚSICA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: Ritmo e Poesia.

THE BIBLE AND CONTEMPORARY CHRISTIAN MUSIC: Rhythm and Poetry.

Ozéias Vieira dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade levantar questões a respeito da ligação entre a Música Evangélica Contemporânea e as Escrituras. Não se propõe apresentar conclusões finais e absolutas aos debates, contudo, levantar vários elementos que compõem o cenário musical evangélico e fazer um diálogo entre os teóricos da área musical e os da teologia, procurando achar um ponto de equilíbrio para o uso da música cristã de qualidade. A metodologia usada no referido documento é a pesquisa bibliográfica e se baseia em autores brasileiros, em obras traduzidas de línguas estrangeiras, em pedagogos, teólogos e educadores musicais. O resultado obtido pela pesquisa destaca pontos importantes do fenômeno da Música Evangélica Contemporânea e revela que muitos elementos que estão presentes nesse segmento musical evangélico, também estão presentes na música que acontece no ambiente secular. Dentro desse contexto, o presente debate adquire importância fundamental, pois muitos podem estar equivocados em sua opinião e não sabem disso, apesar de estarem agindo com sinceridade. A conclusão obtida pelo autor é a de que a melodia muitas vezes não se coaduna com a mensagem cristã, pois, o que se percebe é uso de técnicas específicas com o objetivo exclusivo de tornar a música vendável. Já no caso do ritmo, não é o apropriado para o culto cristão, uma vez que a gênese dele é de um ambiente profano e o volume praticado nos templos evangélicos atuais está numa intensidade insuportável para o ouvido humano. Não só isso, mas também a temática e a poesia das músicas cristãs em muitos casos estão divorciadas das Escrituras Sagradas.

Palavras Chave: Música; Ritmo; Poesia; Bíblia

¹ Mestrando em Teologia pela PUC-PR, Licenciado em Música pela Faculdade de Artes do Paraná. Especializado em Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná. Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.

ABSTRACT

The purpose of this article is to raise questions about the connection between Contemporary Gospel Music and the Scriptures. It is not proposed to present final and absolute conclusions to the debates, however, to raise several elements that make up the evangelical music scene and to make a dialogue between theorists in the musical field and those in theology, seeking to find a balance point for the use of Christian music in quality. The methodology used in that document is bibliographic research and is based on Brazilian authors, on works translated from foreign languages, on pedagogues, theologians and music educators. The result obtained by the research highlights important points of the phenomenon of Contemporary Evangelical Music and reveals that many elements that are present in this evangelical musical segment, are also present in the music that takes place in the secular environment. Within this context, the present debate acquires fundamental importance, as many may be mistaken in their opinion and do not know it, despite being acting sincerely. The conclusion reached by the author is that the melody is often not in line with the Christian message, because what is perceived is the use of specific techniques with the sole purpose of making music salable. In the case of rhythm, it is not appropriate for Christian worship, since its genesis is of a profane environment and the volume practiced in today's evangelical temples is of an unbearable intensity for the human ear. Not only that, but the theme and poetry of Christian music are in many cases divorced from the Holy Scriptures.

Keywords: Music; Rhythm; Poetry; Bible.

INTRODUÇÃO

O referido tema tem por finalidade debater a música evangélica cantada atualmente nos templos evangélicos. Considera-se de muita importância esse debate, uma vez que, muito tem se cantado, contudo, pouco se percebe de cristão no que é entoado. Embora o assunto seja de vital importância, os debates que ocorrem são superficiais e os autores quase sempre são músicos, que defendem suas opiniões equivocadas a qualquer custo. Por isso, discutir esse assunto é de indispensável relevância. Sendo assim, estaria a melodia e o ritmo dessas músicas de acordo

com a mensagem cristã, ou melhor, seriam os mais apropriados? E a sua poesia, isto é, a letra tem uma teologia bíblica e cristã?

O artigo fundamenta-se sobre o referencial teórico de autores e pensadores renomados, tanto da música, quanto da reflexão teológica a respeito do tema. Por exemplo: Tim Fisher, Donald P. Hustad, Michael D. Palmer, Antonio Gilberto e Ciro Sanches Zibordi, os quais concordam que se deve ter cuidado com a música que é usada no ambiente evangélico. Além disso, também foi citado um autor da área da pedagogia musical como Murray Schafer. Entretanto, também existem outros que divergem do mesmo assunto, como Amy Grant, Larry Norman e Michael Smith. Esses autores são referenciais da Música Cristã Contemporânea e defendem ponto de vista adverso ao do grupo inicial.

O presente documento está dividido em três partes respectivamente. A primeira aborda a questão da melodia apropriada para o culto cristão. Sabe-se que não é qualquer melodia que completa essa finalidade, pois, muito se percebe de músicas gravadas com técnicas, em escalas específicas e numa combinação de ritmo e melodia sentimental a qual produzirá no ouvinte a sensação de emoção que o autor quiser. Contudo, o fim que os autores evangélicos querem chegar é mercadológico. Sendo assim, o que objetivam é manipular a plateia com o objetivo de ter um cliente a mais e não um adorador do Senhor Jesus Cristo.

A segunda parte prende-se à questão do ritmo e volume apropriados para a comunicação do Evangelho. Diversos ritmos são executados dentro dos templos cristãos e poucos se ocupam em ensinar as origens desses estilos musicais. Sabe-se que não há um ritmo cristão musical, tanto que, o Evangelho aonde chega, os povos dele se apropriam com a sua cultura, no entanto, à proporção que a pregação do Evangelho cresce num país, inicia-se uma cultura de mercado, que veem nos crentes uma possibilidade de negócios.

Outra questão levantada é a do volume ideal usado para o louvor a Deus. A combinação de ritmo e volume é antiga na música cristã. Ainda que alguns que fazem uso desse tipo de música com volume extremo se defendam afirmando que Lutero fez uso de música mundana na sua época, esse argumento não vige, visto que os ambientes das épocas não podem se comparar. Entende-se, conforme os argumentos listados, que o ideal seria um volume agradável ao ouvido humano.

O terceiro fragmento ocupa-se na temática e poesia das músicas atuais. A finalidade da música no Evangelho é ensinar as Escrituras aos crentes. Nesse contexto, o que se vê são mensagens afastadas dessa finalidade, que ao invés de cumprir sua função desviam os que a ouvem e muitas vezes ensinam heresias.

Objetiva-se ainda com o artigo, levar à reflexão os músicos, membros em geral e líderes das igrejas sobre o que se canta nos seus cultos, embora não seja o objetivo dar a última palavra sobre o assunto. A música, sendo o elemento desencadeador dos temas escritos, precisa ser fundamentada e considerada. Sendo assim, a música, segundo Palmer (2000, p. 332), é “primeiro uma expressão do espírito, caso contrário é meramente ruído bonito”. Por isso, se deve pensar sobre esse assunto dentro do ambiente evangélico, para que não haja um equívoco total do assunto por parte dos envolvidos nesse cenário.

Essa expressão artística, a musical, existia antes que a terra fosse feita, de acordo com as Escrituras na versão de AC (1990, p. 480). Jó 38.4-7 diz: “onde estava tu, quando eu fundava a Terra? [...] quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?”. O texto sagrado sugere que houve cânticos na ocasião da criação da Terra, por parte dos seres angelicais presentes no momento do fato. É bem verdade que essa passagem é de um texto poético, contudo, real, quando se diz que a música existia antes que o homem fosse criado.

Toda música, de acordo com Palmer (2000, p. 334), “é apropriada para o cristão, [...] porém, o princípio predominante para a nossa música é: Deus é a nossa audiência primária”. O

entendimento desse documento deve ser esse. Com isso não se quer defender o uso indiscriminado de qualquer tipo de ritmo na adoração, mas que todos os instantes da vida do ser humano são acompanhados por música e que, no caso do momento em que ele está realizando um culto ao seu Criador essa música deve ser, conforme Palmer (2000, p. 335) “guiada pelos princípios das Escrituras”. Por conseguinte, esse texto visa defender esse ponto de vista, de que a música cristã deve ter por premissa a sua submissão às Escrituras, isto é, a música deve ser serva dela. Não há como divorciar uma coisa da outra.

1. RITMO E VOLUME QUE COMBINAM COM O EVANGELHO DE CRISTO

Há um grande debate em volta desse assunto. De um lado os que defendem o uso de qualquer ritmo no culto cristão, por parte dos músicos evangélicos, e do outro, os que reprovam o uso de alguns e aprovam o uso de outros, com ressalvas. Aqueles que defendem o uso irrestrito chegam a afirmar abertamente que Lutero fez uso de música secular na sua época, por isso, pode-se também fazê-lo hoje. É claro que ele fez uso de ritmos da sua época, ninguém vive isolado de sua cultura, todavia, deve-se prestar atenção em alguns detalhes. Por exemplo, na opinião de Harrel (1980, p. 18):

Até onde Lutero emprestava de fontes seculares? Das melodias para os trinta e sete corais de Lutero, quinze foram compostas por ele mesmo, treze vieram de hinos de culto latim, quatro derivaram de canções folclóricas religiosas alemãs, duas foram originalmente canções religiosas de peregrinos, duas são de origem desconhecidas e uma veio diretamente de uma canção folclórica secular.

De acordo com essa definição é uma irresponsabilidade defender o uso de qualquer ritmo no culto santo, com base nessa afirmação. Mesmo porque, a definição de secular para Fisher

(1992, p. 215) é a seguinte: “era música controlada pela igreja, [...] inclusive as belas artes, escritores, compositores, escultores e pintores”. De forma que, o ambiente secular da época de Lutero nada tem a ver com o atual, então, pensar assim seria pura tolice. De acordo com Ulrich Leupold (1966, p. 5) autoridade em Lutero: “músicas de bebedeira também estavam disponíveis no século XVI”. Lutero as evitou, ele nunca considerou a música como ferramenta que poderia ser usada a despeito de sua associação original.

Por isso, entende-se que se deve tomar cuidado com o estilo musical que está sendo inserido no meio evangélico abertamente, sob a alegação de que tudo foi feito por Deus. Sabe-se que todos os elementos da música são importantes e que não devem ser desprezados, mas é isso que o rock faz, por exemplo, ele destaca o ritmo acima dos outros elementos. Isso associado ao volume extremo, característica de vários estilos musicais, que conseqüências não poderiam trazer para seus ouvintes? Dentro desse assunto, Grier (1976, p. 63), considera:

Há uma abundância de documentação concernente aos efeitos do ritmo rock sobre o ouvinte. A observação simples novamente confirma que esta informação é verdadeira. Ela se resume no seguinte: Um dos aspectos mais óbvios é omitido do rock é a resposta física que ele produz. Você realmente não pode ouvir rock durante algum tempo sem responder fisicamente ao que ouve.

Por isso, esse fato deve ser levado em conta por todos os personagens envolvidos no culto divino. Logo, de acordo com a descrição acima, qual resposta poderia ser dada pelo ouvinte que teve contato com esse estilo de música? Numa entrevista, Gene Simmons, do grupo Kiss, no programa Entertainment Tonight, perguntado se os pais deveriam estar preocupados com os jovens ouvindo sua música e por que os pais estavam protestando contra sua aparência, a resposta dele é descrita na íntegra por Seidel (1987, p. 26): “Eles deveriam estar preocupados porque nós

estamos interessados nas garotas, isto é tudo o que o rock é, sexo com uma bomba de 100 megatons, o ritmo”.

Após uma afirmação dessas, entende-se que seria ingenuidade dizer que a música é neutra e que o ritmo do rock não tem o poder de influenciar a juventude ou o ouvinte. Dentro desse assunto ainda, pergunta-se como o ritmo do rock tem esse poder. Segundo o Doutor Joseph Crow, da Universidade de Seattle, o rock usa uma fórmula matemática para condicionar a mente por meio de frequências calculadas, vibrações, usado para modificar a química do corpo de modo a fazer a mente suscetível à modificação e doutrinação, com o objetivo de subjugar, reeducar e reorganizar a mente (cf. CROW, 1982, p. 64).

Sem dúvida, abrir mão de uma informação dessa e dizer que não é malicioso o uso de formas musicais desses estilos, é no mínimo ignorância. Corroborando com esse tema ainda, pode-se usar a descrição de Fisher (1992, p. 118) que afirma: “o rock inverte não somente a ênfase dos elementos da música, mas inverte também a ênfase dos tempos dentro do ritmo”. Por exemplo, “Backbeat, um, DOIS, três, QUATRO” (FISHER, 1992, p. 118). Para qualquer músico mediano, o ritmo normal, a ênfase dos tempos nesse compasso musical, quaternário, seria UM, dois, TRÊS, quatro. Com a inversão da acentuação rítmica dos tempos e das partes dos tempos, sendo uma síncope constante, pode levar o ouvinte a um estado de emoção excepcional. Para o Dr. Hoard Hanson (p. 365):

Quanto maior a aceleração de tempo do padrão do pulso para com o limite superior do tempo praticado, maior se torna a tensão emocional. À medida que as subdivisões das unidades de músicas são regulares e os acentos permanecem estritamente em conformidade com o padrão básico, o efeito poder ser hilariante, mas não será incômodo.

Dessa forma, de acordo com o Hoard, o que causa essa mudança emocional e de comportamento no ouvinte, é a inversão

dos tempos dentro do ritmo musical. E para David Winter ainda, “esse ritmo incessante corrói o senso de responsabilidade, em grande parte, da mesma forma que o álcool o faz” (apud Fisher, 2005, p. 119). É tremendo o poder do ritmo na música, e desprezar isso, seria como desconsiderar o essencial. Aplicando o mesmo princípio de que o ritmo é o elemento desencadeador desse fenômeno, cientistas tentaram provar que o rock não fazia mal para ninguém, todavia, para surpresa dos estudiosos, acabaram por descobrir o contrário. O Dr. Lipkin (1998, p. 58), assim descreve:

Eles começaram essa experiência com a ideia de provar que a música rock não exercia um efeito negativo sobre o ouvinte. No entanto, eles admitiram que estavam errados. O culpado, os pesquisadores suspeitam, é o ritmo da música. Se os resultados do estudo são indicativos de algo, alguns ritmos musicais ajudam a sincronizar os ritmos biológicos naturais do organismo, consequentemente melhorando seu funcionamento, enquanto outros ritmos tendem a entrarem conflito com, ou a romper os ritmos internos.

Por isso, faz-se necessário cuidado especial por parte dos músicos evangélicos para com esses detalhes. Porque, se esses experimentos científicos deram esses resultados negativos, quais consequências poderiam trazer para o povo de Deus? Schafer (1991, p. 87) entende que “pode haver ritmos regulares e ritmos nervosos, irregulares”. Essa definição colabora para o debate, uma vez que, os ritmos chamados nervosos têm o poder de causar também esse comportamento no ouvinte. Em relação a esses ritmos rápidos, que usam alternância dos assentos métricos dos ritmos, a opinião do *Jornal Oásis Paranaense*, especializado em musicoterapia², (2007, p. 8), fala de ritmos perturbadores:

² Musicoterapia é a ciência que estuda o efeito do som na música para fins medicinais.

Músicas de ritmo marcado, como o samba, ou dissonantes, como o rock, embora funcionem como estimulantes, exercem efeito dispersivo sobre o sistema nervoso, impedindo a concentração e o relaxamento. Assim, conforme sua qualidade, intensidade e quantidade, o som pode beneficiar ou agredir o organismo. O ouvido humano está preparado para resistir a ruídos de alta intensidade apenas durante curtos períodos. Após pouco mais de uma hora de exposição a sons intensos, de aproximadamente cem decibéis, o sistema nervoso necessita de cerca de 40 horas para se recuperar completamente dessa espécie de ‘trauma’.

Essa é a afirmação de um órgão neutro em relação à fé, que opina de forma científica em relação ao assunto, deve-se, portanto, trazer uma interrogação no pensamento dos que defendem o uso irrestrito de qualquer ritmo. Seria razoável que a comunidade evangélica atentasse para essas pesquisas acadêmicas a fim de buscar melhor qualidade no culto cristão. Porquanto, se a intenção do culto é levar a alma do cristão a meditar na mensagem, se concentrar na doutrina e caso a comunidade em que ele está inserido faça uso de ritmos nervosos, isso não ocorrerá, porque ao invés disso, ela desconcentrará o adorador da principal finalidade.

Dentro desse contexto, muitos acham que somente o som de seus instrumentos delirantes e suas vozes gritadas no microfone basta, para dizer que estão adorando a Deus. Como se o único que deve ser ouvido fosse ele. Sobre o tema opina Gilberto (2004, p.1):

O instrumento não é para abafar a voz de quem canta, mas acompanhá-la. Às vezes, muitas dessas pessoas, no passado, vieram de ambientes mundanos pesados, onde tocavam a noite inteira, a todo volume, uma música que não era música. Era uma loucura diabólica que arrasava os nervos de qualquer um, e os ouvidos, e ainda sob essa nociva influência ingressam na igreja, e, uma vez aqui, não ficam livres totalmente dos gostos mundanos ou não

recebem a devida orientação. Daí existirem hoje dois tipos de gerações: a) Uma geração de surdos, pelos tímpanos lesados nas orgias super barulhentas, nos clubes, nos ‘inferninhos’, nos lares, nos carros etc. b) Outra de loucos, pelos nervos lesados pela poluição sonora, dia e noite.

Lamentável e triste realidade que ocorre em muitos lugares, nos quais os músicos vão para dentro do templo, sem uma libertação real e continuam a tocar do mesmo jeito que tocavam lá fora. Como cita o autor era uma loucura diabólica, e como faziam lá no pecado, continuam a arrasar os ouvidos dos outros dentro dos templos. “Não sabem que fazem o mal”, *ibidem* citando o profeta Malaquias.

Ainda em relação ao desprezo, por parte dos músicos evangélicos, em relação à intensidade sonora com que são executadas algumas músicas dentro dos templos de culto evangélicos, recorre-se nesse documento a casos descritos pela ciência para comprovar os malefícios do forte volume sonoro sobre os seres vivos. O primeiro experimento narrado por Schafer (1992 p.140) ocorreu dentro de uma base militar, nos Estados Unidos da América. Nesse, dois físicos e um biólogo estão de pé em volta de uma pesada mesa de metal. Um som produzido por uma sirene de alta-frequência, numa intensidade monstruosa. O objetivo deles é saber se é possível usar o som como arma de guerra, e quais efeitos ele causa sobre pessoas, plantas e animais.

O primeiro resultado foi colocar uma palha de aço na frente da sirene para ver o que aconteceria, e surpreendentemente ela explode numa rodopiante cascata de faísca incandescente. Com o mesmo instrumento eles trouxeram para a sala um rato, numa gaiola, o qual não parava, pois estava incomodado com o barulho, e quando ele é levantado na altura da sirene ele se estica e tomba morto. Longe de querer associar o efeito da música tocada nos shows evangélicos com esses experimentos, porém, não se deve negar também que há um efeito poderosíssimo no som, e que tais efeitos podem prejudicar a saúde dos ouvintes.

O professor Schafer (1992, p. 140) ainda afirma que “a NASA quer saber por que pessoas que ficam na área de lançamentos de foguetes, que ocasionalmente, sofrem com náuseas, desmaios e crises epileptiformes”. Mais um desafio para os cientistas descobrirem a razão pela qual as ondas sonoras causam tais efeitos.

Com todos esses argumentos, seria conveniente que os envolvidos no ambiente musical da casa de Deus prestassem mais atenção nesses detalhes, porque os fatos mostram que há evidências de que o uso dos aparelhos em volume excessivo pode causar danos à saúde dos ouvintes. A concentração na mensagem é prejudicada e a assimilação dos textos das Escrituras não acontecerá de uma forma eficaz. É lícito citar as palavras do apóstolo Paulo, aos Romanos 12.1, versão de ARC (1995, p.1721): “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresentei o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”.

Como afirma o texto paulino, o viver do crente é um culto diário a Deus. É o culto racional, com a razão, com entendimento. Porquanto, seria razoável pensar que músicas executadas em volumes extremos, acompanhadas de ritmos eletrizantes, frenéticos, podem sim ser prejudiciais para a liturgia como um todo, além de prejudicar também a saúde dos fiéis que comparecem nos templos evangélicos. Ademais, existe outra motivação também pela qual deveria ser repensada essa atitude de muitos. Referem-se às questões legais, envolvendo leis ambientais, que regem a quantidade de decibéis permitida nos horários dos cultos. Isso por não ter sido observado tem levado muitos aos tribunais, tem acarretado multas para os ministérios e envergonhado o bom nome de Cristo diante das autoridades.

2. A TEMÁTICA E POESIA CONCORDAM COM A MENSAGEM DO EVANGELHO



A temática da música seria o conjunto de elementos que envolvem determinados estilos. Ela compreende todos os elementos da música como melodia, harmonia, ritmo e poesia. Todos possuem características próprias, ou seja, eles não podem estar fora do estilo, pois se assim o fosse perderiam toda a forma. Por exemplo, uma melodia de Bossa Nova tem a sua característica, sendo samba lento e calmo; já a poesia desse estilo é cantar o mar, o vento, a vida, o sol, dentre outros. Caso algum desavisado cante outra coisa qualquer e faça esse ritmo, isso não será Bossa Nova, pois o tema da poesia da Bossa deve estar entre os listados acima.

Ajudando a clarear o debate Palmer (2000, p. 345) que a pergunta inicial após ouvir uma determinada música deve ser a mesma: “esta é composição merecedora de seu gênero?”. Por isso cada estilo ou gênero deve ser respeitado. Essa pergunta leva a algumas reflexões sobre o assunto, pois, o gênero em si já traz, no seu bojo, na sua essência, as suas características que definem o estilo e estão fixadas a elas. Seria correto cantar algo de adoração a um Deus santo, mas num estilo de música feita por traficantes de drogas e todo tipo de marginais? Em relação a esse assunto opina Nicodemus ao afirmar que:

O que vai determinar o uso de um ritmo é a sua adequação. Nem todo ritmo se adéqua a mensagem do evangelho. Ah! Você não serve sopa no penico, não! Nem todo vaso serve para todo líquido. Não é que é errado, mas tem as coisas apropriadas. Você vai escolher aqueles que melhor descrevem a grandeza de Deus, o quebrantamento, o amor, êxtase espiritual. Têm ritmos diferentes que se prestam a isso ai.

Muito boa a comparação, porque de fato cada coisa deve ter o seu lugar. A mensagem do evangelho não cabe em certos ritmos, pois não comportam a santidade de Deus e não transmite a mensagem do Evangelho de forma apropriada. Ao ouvir certas

canções não há como não fazer associações do ritmo com a sua origem.

Muitos estão trazendo melodias cantadas lá de fora, sem nenhuma inspiração e coloca uma letra evangélica, achando que está louvando a Deus. Quem assim procede, comete pelo menos dois erros: um contra o estilo musical, o qual tem a letra específica do estilo; e contra a fé, porque há uma mistura do santo e do profano. Ambos por desconhecimento de música e de Bíblia. Ao analisar-se a relação do povo evangélico aos temas das letras de suas canções, num tempo passado, afirmou Ferreira (2012, p. 3):

Para compreender o protestantismo desse período, Mendonça faz uma análise da mensagem religiosa através dos hinários, segundo ele o melhor material para um levantamento da teologia dos missionários. As mensagens transmitidas pelas canções enfatizavam a expectativa de vida eterna no céu através de uma postura de vida que negasse uma ética mundana, demonstrando traços pietistas e fortemente emocionalistas.

De acordo com essa autora, pelas letras dos hinários evangélicos se percebe a doutrina do grupo ou seu ensinamento. Nesse caso, as letras pregavam uma postura de abandono das práticas da vida mundana ou a ética da sociedade. Todavia, a letra atual de alguns grupos nada tem a ver com essa mensagem. Como afirma Ferreira (2012, p. 3), suas poesias contêm “posicionamentos políticos diante de questões polêmicas como racismo e aborto”. O que estariam pensando tais grupos religiosos? Será que pensam na vida eterna ou só na vida secular? O limite entre a igreja e a sociedade mundana está bastante reduzido para esses músicos, ou parece que não existe. Não que os argumentos cantados não tenham relevância social, no entanto, não é o objetivo fim do Evangelho.

Diante do exposto, pergunta-se: qual a razão para o abandono do estilo musical de tradição por parte desse segmento evangélico? Por que esse tipo de letra não serve mais para as suas

músicas? Estaria a música tradicional dos hinários evangélicos ultrapassados ou esses grupos, que nada tem a ver com a fé, são modernos demais? Pois, há pontos que se tornam cláusulas pétreas da fé, elas são inegociáveis, não envelhecem e não podem ser dispensadas. Para exemplificar tal situação apresenta-se aqui a letra do hino 171 da Harpa Cristã (1998), primeira estrofe e refrão, que afirmam:

Era um pecador andava sem Jesus, não tinha esperança
nem divina luz; Hoje sou remido, Cristo me salvou, co' o
Seu sangue me lavou! Que amor me concedeu Jesus, gozo
santo e celeste luz; Cristo, breve, do céu descerá, e consigo,
então, me levará.

Pergunta-se o que há de velho nessa letra? O que se desatualizou, o que ficou no passado, o que desbotou com o tempo? Se o fato de o crente ter sido um pecador contumaz, que andava nas trevas e foi encontrado pelo Salvador Jesus, e foi lavado no Seu sangue de seus delitos, perdeu a essência, logo, a mensagem do Evangelho perdeu a razão de ser. Sendo assim, se entende que tais grupos não vivem a fé de maneira sadia, inteligente e abundante, e que na situação mais desprezível, esses grupos estão equivocados ou para não dizer divorciados da genuína fé. Poder-se-ia citar muitos outros exemplos de contradição nesse sentido, todavia, esse basta.

O que ocorre por outro lado é que muitos vivem de um sentimentalismo ou uma emoção superficial, ou seja, cantam por lembrança do passado, mas não por alegria da atualidade da fé e não é isso que se objetiva defender nesse argumento, emoção pela emoção. Sabe-se que novos hinos devem ser incorporados à hinódia evangélica, porém, não se pode desprezar os antigos com argumentos que são verdadeiras falácias. Em relação a esse assunto Lovelace e Rice (1986, p. 37) considera:

A falta de uma experiência amadurecida e intelectual é um dos “pecados envolventes” da música sacra. A reação

emocional é imediata; ocorre logo que uma melodia familiar (ou mesmo uma certa qualidade de som musical) é ouvida, fazendo lembrar associações anteriores. O processo mental de assimilação do significado do texto leva mais tempo e, infelizmente, muitos adoradores nem esperam que a mente se engrene. Pode ser dito que todas as pessoas ocasionalmente são emocionais e que as culturas americana e brasileira são peculiarmente ‘sentimentais’. Talvez haja, e possivelmente deva haver na vida da igreja lugar para os hinos sentimentais favoritos de todo mundo. Contudo, se a adoração, comunhão e evangelização devem alcançar os seus alvos mais elevados, precisam ser servidas primordialmente por música escolhida devido a razões mais significativas.

Corroborando ainda com esse argumento, o autor acima citado diz que existem associações que ocasionam lembranças nos seus ouvintes, quando ouvem diversas músicas. E nesse caso, a música acaba por sobressair sobre a melodia, e o que fica nesse caso é simplesmente o sentimento associado com a lembrança e não uma experiência com a fé. Isso pode se tornar um perigo para a fé cristã, visto que, a pessoa que assim procede ficará com a sua fé baseada simplesmente em emoções e não nas promessas bíblicas. Na mesma linha de raciocínio Gilberto (2014, p.1) entende, que:

A música evangélica está sofrendo um desvio de sua mais íntima finalidade, pois com exceção do canto congregacional o que está acontecendo em muitas igrejas é música mundana, música de boate, música de embalo, música para bailar, sem qualquer dose de inspiração divina e sem nenhum ou quase nada de conteúdo bíblico.

De fato, o referido autor denuncia um acontecimento corriqueiro nos templos evangélicos, todavia, não se deve acostumar com ele, pois a finalidade da música cristã não é primariamente a dança, a apreciação por si só, uma lembrança ou o prazer estético, muito embora, muito disso possa ocorrer, entretanto, o discipulado, o ensino das doutrinas e a evangelização

devem ser priorizados. Ratificando o assunto Darleyson e Carvalho (2015, p. 3-4) “Quando estes elementos música e literatura, operam juntos, influenciam o pensamento e comportamento, mudando a forma de agir do indivíduo. (2015, p. 3). No mesmo caminho White (2014 p. 86) entende que: “Através do canto congregacional a igreja propaga a sua fé, costumes e doutrinas com liberdade e criatividade expressando seus sentimentos a partir das letras das suas canções”. Logo, se percebe o poder influenciador da música sobre os jovens principalmente.

A mesma opinião é compartilhada por Bennett citado por Palmer (2000, p. 330): “a música é a expressão do caráter de uma sociedade”, de forma que, a música feita por uma sociedade revela o que ela vive e crê. O caso aqui mostra que o que a igreja canta, é o que ela vive. Por esse prisma, poder-se-ia fazer uma análise de cada período da história da igreja pela letra das melodias cantadas, pois, se o que se canta, de acordo com Gilberto (cf. 2014, p.1), é coisa mundana e secular, então, é o que está a ocorrer com alguns cantores, músicos e com suas comunidades. Não seria o caso de haver alguma preocupação neles e passarem a rever as suas premissas, além de analisar seu proceder à luz do bom senso e das Escrituras? Refletindo sobre esse mesmo assunto ainda de acordo com Palmer, (2000, p. 336) compreende:

A Bíblia implica que a música desempenha um papel pedagógico. Pelo fato de que quando cantamos memorizamos sem ter a intenção, somos instruídos a usar a música ‘em toda a sabedoria, ensinando-[nos] e admoestando-[nos] uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em [nosso] coração’ (Colossenses 3.16). A teologia viva de uma congregação é revelada tanto nos cânticos que são cantados quanto nos sermões que são pregados.

Esse autor já vê outra face da música bíblica, pois, com essa função pedagógica, ou seja, levar o adorador a cantar a Palavra de Deus, tem uma função de ensinar o caminho da santidade para o

povo de Deus e revelar-lhes quem é o Deus que eles estão adorando. A letra cantada permanece por muito mais tempo que o sermão.

Deus tem preocupação com o que se canta e nesse particular a letra é de muita importância, porque por meio dela é que a mensagem é transmitida. Conforme Palmer, *ibidem*, “somos instruídos a cantar louvores ao nosso Deus, [...] Evidentemente se desejamos agradar a Deus com o nosso cântico temos que entender quem ele é”. Essa pequena referência mostra a opinião do autor de que o povo de Deus deve cantar para Deus.

Essa opinião é referendada pelos textos das Escrituras, tradução de Almeida do Salmos 47.6-7: “cantai louvores a Deus, cantai louvores; cantai louvores ao nosso Rei, cantai louvores. Pois Deus é o Rei de toda a terra; cantai-lhe salmos de louvor”. Outra versão ARC diz no final desse texto: “cantai louvores com inteligência”. O texto santo deixa claro o dever do crente de adorar ao seu Deus cantando louvores, porém, não basta qualquer um, mas aquele feito com inteligência. Cantar com inteligência sugere não cantar qualquer tipo de letra, todavia, uma apropriada para o momento e de acordo com a grandeza daquele que está recebendo a adoração.

É bem verdade que, muitos defendem um afastamento entre a cultura popular e a erudita, querendo sobressair uma mais que a outra, como se só um segmento fosse possível ser usado no culto cristão e que uma é mais séria que a outra, contudo, para Palmer (2000, p. 347) “isto simplesmente não é verdade. Todo compositor, músico e artista têm uma cosmovisão. Essa cosmovisão pode se harmonizar com as Escrituras, ou não”.

De fato, não se deve haver preferência por determinada manifestação artísticas em detrimento de outras, contudo, deve-se ensinar e corrigir os que se ocupam em compor letras a fazerem isto com excelência, pois o que se percebe no meio evangélico são letras de péssima qualidade, no que diz respeito à concordância dos termos gramaticais e a sua teologia, a qual, nesse caso, é um caos.

O catecismo de Westminster Menor conta que o objetivo principal de todo ser humano é “glorificar a Deus e agradá-lo para sempre”. O apóstolo Paulo, escrevendo aos Coríntios 10. 31 na sua primeira carta, ARC, diz: “Quer [...] façais outra qualquer coisa, fazeis tudo para a glória de Deus”. Como opina Palmer (2000, p. 347) “a música que você escolhe deve glorificar a Deus e aumentar o seu prazer nEle”. Caso haja outra finalidade, além dessas, as Escrituras desconhecem.

Outro fator, dentro da temática da música, é a sua relação com a mídia e o seu efeito no comportamento dos ouvintes. Que a música tem esse poder de afetar as pessoas, ninguém duvida, porque isso é objeto de pesquisa há muitos anos. O problema é conseguir estabelecer uma relação de causa e efeito. A opinião de Palmer (2000, p. 343) é de que “as mudanças de atitude e comportamento acontecem gradativamente, pouco a pouco, um passo de cada vez”. Para ele o efeito é sequencial, gradual, aos poucos.

Um guru da mídia nos EUA, Marchall McLuhan, em 1960 reconheceu este fato na era do rádio e da televisão, ao descrever que “os efeitos da tecnologia não acontecem no nível das opiniões ou conceitos, mas alteram as relações de sensação ou padrões de percepção continuamente e sem resistência” (McLuhan, 1964, p. 33), por isso é que se percebem hoje muitos artistas evangélicos agindo como formadores de opinião, e não mais os pastores e obreiros do meio cristão.

Para comprovar a premissa ele exemplifica a criação da *Music Television Video*, a MTV. Esse canal que reuniu música e vídeo, tem forte poder de influência sobre os jovens, pois ele juntou *rock* e filmes e tem a capacidade de abolir o contexto, além de fazer a pessoa sentir o que a imagem transmite. Como cita Palmer (2000, p. 344), “a moralidade da MTV infiltra, infecta, contamina a moralidade do espectador/ouvinte tão sutilmente e silenciosamente quanto um vírus no corpo humano”. Sem dúvida, a imagem associada ao som, tem um poder fenomenal. Imagine esse sendo usado para disseminar heresias e ensinamentos apócrifos.

Porventura, não seria o que está a ocorrer em muitos lugares pelo mundo com a cristandade? Descrição terrível desse autor, porém, mais apavorante é o que ele descreve quando coloca o efeito dessa combinação sobre os jovens da igreja, Palmer, (2000, p. 344) ao destacar que:

A música, a mídia e a MTV estão moldando as atitudes dos jovens. E, recente pesquisa feita entre os jovens de igrejas evangélicas e pentecostais, os pesquisadores descobriram que os jovens que iam à igreja regularmente, mantinham atitudes para com a moralidade que não eram notadamente diferentes dos jovens que não iam à igreja. Os valores de ambos os grupos eram manifestadamente afetados mais pela música, mídia e MTV, do que pelos pais ou a igreja que frequentavam.

A música tem um poder de influência tremendo, e associada à imagem torna-se poderosíssima para afetar a juventude evangélica, no que diz respeito à valores e costumes. A pesquisa é realizada nos EUA, contudo, pode-se inferir o mesmo no caso do Brasil. O pensamento bíblico é de se afastar das coisas seculares, estar em Cristo, todavia, o que parece estar acontecendo é o caminho inverso, e nesse caso, a música que está acontecendo dentro dos templos está mais próxima do ambiente mundano e pode afetar os jovens cristãos mais ainda.

O Evangelho de Cristo deve confrontar o pecado, pois se assim não for, não é evangelho. É importante perceber que os ritmos que se cantam falam do que se pensa e a cultura que um determinado grupo social vive, além de seus valores, e muitos advogam que o ritmo de uma cultura deve ser autorizado, sem nenhum crivo ou julgamento. Porém, como afirma Zibordi, falando dos pregadores (2015, p. 94), “o evangelho está acima da cultura”. A mesma premissa serve para o caso das músicas evangélicas, porque nesse caso também se canta a cultura que se vive, sendo assim, um povo desviado, pagão, rebelde em relação ao evangelho, desobediente, cantará isso em seus ritmos

mundanos, os quais serão a mais pura expressão dessa realidade. O evangelho é de todas as culturas, mas não é de nenhuma. Ele é de todas quando se amolda a todos os povos, porém, não é de nenhuma quando se quer misturar a sua mensagem cristalina com o pecado de um povo. Quem quiser recebê-lo deve abandonar seus pecados e isso é tema pacificado nas Escrituras.

Quanto a cantar o que se vive, Zibordi (2015, p. 92) diz que “os propagadores do evangelho ecumênico, multicolorido, sincrético, abrem um grande sorriso, de orelha a orelha, pois sabem que estão ganhando milhões e milhões através da venda de CDs, DVDs, realização de shows”. O referido autor cita diversos evangelhos que são cantados pelos que defendem tal mensagem e, sem dúvida, suas músicas e seus ritmos são uma cópia dessa verdade. Um evangelho dentre outros que estão em destaque hoje é o gospel, que de acordo com Zibordi (2015, p. 93) é:

O evangelho pregado por celebridades do ‘mundo gospel’ não confronta o pecado, pois é *light*, agradável aos ouvidos, simpático e, por isso, recebe aplausos das pessoas que não andam segundo a Palavra de Deus. [...], mas Paulo no ‘cadeirão’ das superstições e filosofias de Atenas, pregou sem medo: ‘Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos (At 17. 30,31).

Nesse caso, esse evangelho não confronta o pecado, porque o objetivo das suas mensagens não é a adoração a Deus e a pregação da salvação, mas vender. Os temas cantados são na maioria antropocêntricos e não cristocêntricos. Objetivam a venda, por isso agradam aos ouvidos dos seus ouvintes. Como afirma Zibordi (2015, p. 109), “ambos, ignorando a pregação cristocêntrica, valorizam as falações e canções revanchistas, ridicularizadoras, zombeteiras”. De fato, o autor mostra por meio das suas letras que não adoram a Deus, todavia disseminam

mensagens heréticas que são contra a mensagem cristã, porque Cristo mandou amar o inimigo.

Referenciando o tema no mesmo prisma em que se está direcionando o debate, Gomes (2008, p. 100) diz que “houve um tempo em que os compositores de hinos não eram sacoleiros, os cantores não tinham empresários e os pregadores não eram galãs”. Infelizmente, muitos cantam o que a massa quer ouvir e não o que ela precisa ouvir. Cantam qualquer ritmo do ambiente mundano alegando que se deve cantar algo atual, todavia, não se perguntam qual o motivo, ou o que se objetiva com o louvor na forma de música. Seria promover lazer ou a meditação na palavra de Deus, divertir ou ensinar, dançar ou orar, viver a cruz e a renúncia ou o palco e a glória desse mundo.

Em relação a esses sistemas criados nas igrejas evangélicas, denuncia Zibordi (2015, p. 100): “de alguns anos para cá, nas Assembleias de Deus brasileiras, a pregação centrada nas Escrituras começou a se tornar cada vez mais rara nos púlpitos dos grandes eventos”. E por analogia, ele se pode dizer dos cânticos cantados nesses eventos. Eles possuem pouca mensagem das Escrituras. É lamentável essa situação, todavia, de fato é o que se tem observado. Para finalizar o documento, descrevendo sobre a situação da música evangélica atual, Wilkerson (1988, p. 93) entende que:

Fiquei extremamente chocado quando recentemente e vi foto de um grupo de *rock* pesado, dizendo-se evangélico. Estavam vestidos com o mesmo traje sadomasoquista que eu vira antes enquanto testemunhava de Cristo nas ruas de São Francisco da Califórnia. Pergunta-se que evangelho é esse que não transforma o pecador, e tira-o dessa situação para outra de comunhão com Deus. ‘Onde estão os profetas do Senhor que não bradam bem alto: ‘Chega! A Casa do Senhor não é lugar de música do Diabo’.

Palavras quem sabe difíceis para alguém ouvir, contudo, revestem-se de verdade quando se pensa na situação atual de igreja, e dos que realizarão a defesa do Evangelho verdadeiro, desses lobos devoradores no meio do povo de Deus. Portanto, o tempo urge, devem-se conscientizar os envolvidos nesse cenário da casa de Deus, mostrar a verdade em que muitos se encontram e avisar os que trilham a senda do engano. “A música mundana que hoje penetrou na casa de Deus causa repulsa no céu” (*ibidem*). Fazem isso porque tem a sua origem no altar do pecado, de Satanás. Colocam uma roupagem de crente e trazem para dentro do arraial dos santos; “quem são esses roqueiros e inovadores dentro da casa de Deus? São profanadores do santo altar do Senhor!”. Eles trocam o santo pelo profano, o mundanismo pela santificação. Confirmando essa opinião, afirma Tozer (1959, p. 62): “o sagrado foi secularizado, o santo foi vulgarizado, e o culto converteu-se numa forma de entretenimento”.

Alguém pode advogar que esse estilo, ou ritmo de música atraí os jovens, mas na opinião de Wilkerson (cf. p. 108-110), esse tipo de música copiada do mundo não motiva ninguém a dobrar os joelhos e orar, nem mesmo impulsiona os crentes a curvarem suas cabeças em adoração a Deus. Realmente, se o fator de motivação é a venda, e a letra desvirtuada da mensagem verdadeira do Evangelho, só grita uns refrãos com uma pobreza pitoresca de conteúdo poético, o que resta é um ritmo alucinante que lhes fazem pular cada vez mais para longe da Cruz do Calvário e da presença de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo atual constitui-se de desafios para a geração de salvos, pois, para servir ao Senhor Jesus se exigirá do fiel uma atitude de coragem. Sim, para estar no meio do alvoroço, porém com o coração fora da situação de mistura e pecado, que se vive hoje. A letra das canções dos dias presentes muito tem a falar. Muito se compõe, se escreve e se copia. Muito plágio e versões de

canções mundanas são escritas e se cantam “para Deus”. Mas será que Deus não pode capacitar alguém para escrever uma melodia que transmita a mensagem da história da Salvação, satisfatoriamente, e que escreva uma letra baseada nos textos das Escrituras? Será necessário plagiar a música do ambiente de fora, fazer adaptações pretensiosas para atrair os inconversos e fazer sucesso?

A igreja canta o que vive e vive o que canta. No início da Igreja Cristã cantavam-se os Salmos Judaicos, pois era de onde a igreja estava se afastando e a fé cristã havia se originado. Mas o conteúdo dos Salmos com algumas ressalvas, da crença da época, era na sua maioria textos inspirados, que adoram ao Deus de Israel na sua excelência. Quando a Igreja se torna um segmento ímpar e se firma como povo diferente de Israel, ela cria a sua teologia, sua mensagem e sua música, pois, como o Judaísmo, o Cristianismo também tem na música uma manifestação de louvor a Deus. Dessa maneira, na Idade Média, foi compilado por Gregório o cantochão ou canto gregoriano. Esses eram músicas atonais, não tinham métrica definida e eram do ambiente eclesiástico, somente. Em nada lembravam as canções dos menestréis que passavam pelos palácios com suas trupes, cantando músicas para os reis dançarem.

Foi quando chegou a Reforma Protestante e os reformadores fizeram diversas mudanças na liturgia cristã. Eles passaram a cantar no idioma nativo do povo, a congregação toda participava da celebração, a letra das músicas era extraída das Escrituras e, como em épocas passadas, afastadas do ambiente secular. Outro estilo que se adotou nessa época era o estilo coral, no qual a canção era desenvolvida em vozes, numa riqueza excepcional. Porém, nos dias hodiernos, o que se está a perceber no ambiente cristão é uma verdadeira desconstrução da música evangélica. Uma irresponsabilidade para com o Reino de Deus, pois em nenhuma época foi assim que se procedeu no meio cristão. O ensino nessa área sempre foi o de andar na contramão

do que está acontecendo no mundo secular, mas o que se vê é o contrário.

As letras são para exaltar a vida dos homens, as suas necessidades, seus desejos e seus sonhos. Ele não está nem aí com Deus e com as prioridades do Evangelho. Quando canta alguma mensagem de Deus, o coloca como seu fantoche, seu empregado, realizando seus desejos. Como nos contos antigos do gênio da lâmpada, o qual realizava o que o seu senhor quisesse. Ainda que as letras falem em Deus, a tônica da mensagem é o homem e sua história, sua vida, seus desejos e seus sonhos. O que impera nas poesias é quase sempre a primeira pessoa. Como eu vou, eu faço, eu quero, dá-me, peço-te, em mim, para mim e por mim. Quando deveria ser o louvor para Ele, por Ele, a vitória vinda dEle, isto é, evidenciando a terceira pessoa, no caso, Cristo. Igualmente a direção que a mensagem é enviada também reflete o caráter dos compositores, pois a direção deveria ser o céu, para cima, para Deus e não para o homem, para frente, para o próximo. Desde quando o louvor deve ser para o ser humano? Infelizmente é isso que está a ocorrer, como se estivessem divinizando o homem e diminuindo Deus.

As músicas cantadas nas Escrituras são completamente diferentes das que se cantam hoje. Todas as aparições angelicais que estão registradas na Bíblia mostram os seres angelicais adorando a Deus em total submissão. Ele é objeto da adoração, a Ele é que o louvor é dirigido, Ele está no centro e o homem está abaixo, aos seus pés. Mesmo os anjos que são seres poderosos se rendem, se escondem tapando os seus pés e suas cabeças, para adorar o que está no trono. E o que dizer dos ritmos cantados na congregação dos santos? Se tirar a letra que está sendo cantada, algumas vezes, parece que se está num bailão, e por conta da placa denominacional na frente do templo, sabe-se que é um templo evangélico.

Davi ao cantar, expulsava os demônios da vida de Saul com o seu louvor a Deus. Não se sabe qual cântico cantou em uma daquelas ocasiões, todavia, é possível que sejam alguns daqueles

que foram registrados nas Escrituras. As suas mensagens são tremendas e não resta dúvida da fé genuína que ele professava, mas a cristandade hoje será que expulsa ou atrai demônios para suas reuniões? Se não há uma transformação de vida, como podem afirmar que passaram pelo processo da regeneração e que outrora eram do mundo de pecado e da vida velha? Como podem cantar que as coisas velhas se passaram e tudo se fez novo, se as poesias, ritmos e volumes de suas músicas continuam a ser os mesmos cantados quando estavam no mundo de pecado?

São canções velhas com roupagem de cristãs, camufladas de bíblicas e cristãs. Mas como disse o mestre Jesus, não se pode remendar, tentar costurar o novo com o velho. Cada coisa no seu lugar. A mensagem do Evangelho é como um vinho novo, e esse tem o seu recipiente próprio. Caso o coloquem em uma vasilha velha pode ruir e não vai suportar. Infelizmente é assim que está a ocorrer no meio cristão, com muitos cantores e compositores. Suas vidas não correspondem com aquilo que dizem professar, por isso, o nome de Deus é blasfemado entre os pecadores.

Resta aos verdadeiros adoradores o protesto intenso, como fez o profeta Ezequiel, que tinha uma mensagem de retidão e de justiça. Mas como naquela época, há muitos que cantam paz, conforto e prosperidade, repetindo a temática dos corruptos da fé, que desprezam a verdadeira mensagem de justiça, arrependimento, santidade, separação do mal e da cruz. O tempo pode passar, porém, a Palavra de Deus não passará. E nela, pecado é pecado, santidade é santidade, e ainda, a igreja está em um lugar e o mundo em outro. Deus não mudará seus testemunhos e sua história por causa do capricho de alguns. Ele foi, é, e sempre será o Deus Todo Poderoso. Ao homem cabe reconhecer o seu devido lugar de criatura regenerada, de pecador arrependido, de um ser redimido e grato pela tão grande salvação realizada por esse Deus maravilhoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. Edição Contemporânea de Almeida. (AC). Editora Vida, Deerfield, Flórida, E.U.A, 1990.
- ALMEIDA, João Ferreira de. Edição Revista e Corrigida. (ARC). Geográfica editora. 4ª edição, Santo André- SP, Brasil, 2004.
- CARVALHO, Darleyson de, e, CARVALHO, Dorinês de. *Artigo: A Relevância da Música Congregacional na Formação da Identidade das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil. Teologia & Espiritualidade*, nº 5, Abril de 2015, p. 3.
- CROW, Joseph. In: SEIDEL. *Entertainment Tonight*. ABC, 10 de dezembro de 1987. Citado por Seidel em *Face the Music*, p. 64.
- FISHER, Tim. *O debate sobre a música cristã*. Tradução de João Paulo Geraldo de Souza. São Paulo-SP. Editora Batista Regular, 2005.
- FERREIRA, Laís Cândida. *O Rock e a cultura evangélica Juvenil: música & identidades*. Artigo, publicado na Revista de Iniciação Científica da UFPR. 2011/2012, publicação digital.
- GILBERTO, Antonio. Mensageiro da Paz, 2004, p. 1. Artigo: *Os Músicos e o uso de instrumentos*. CPAD.
- GOMES, Geziel. *Houve um Tempo*. 12 de março de 2008. Disponível em: <<http://prgeziel.blogspot.com.br/2008/03/houve-um-tempo.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2014.
- GRIER, Gene. *A Conceptual Approach to Rock Music* (Valley Forge, PA: Charter Publications, Inc., 1976, p. 30.
- HARPA Cristã, Casa Publicadora das Assembleia de Deus, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- HARRELL, Robert. *Martin Luther, His Music, His Message*. Greenville, SC: Majestd Music, 1980, p. 18.
- HANSON, Hoard. *American Journal of Psychiatry*, v. 101, p. 365.
- HUSTAD, Donald P. *A Música na Igreja*. Título original, *JUBILATE! Church Music in the Evangelical Tradition*. Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. Edição em português, 1986.
- Jornal Oásis Paranense. *Coluna dedicada à Musicoterapia*. Almirante Tamandaré-Pr, 2007.

LIPKIN, Richard. Jarring Music Takes Toll on Mice. *Insight*, 4 de abril, 1998, p. 58.

LOVELACE, Austin e Rice, C. *Music and Worship in the Church*, 1934, p. 19, 20.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The Expressions of Man*. Nova York: Signet Books, 1964, p. 33).

NICODEMUS, Augustus. *O cristão e a música*. Mensagem em vídeo. You tube. O Cristão e a Música Secular. Vídeo. Disponível em :<<http://www.youtube.com/Watch?v=Kp6PgbAK4y>> Acesso em: 03 Mar. 2016.

PALMER, Michael D. *Panorama do Pensamento Cristão*. Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil, CPAD.1998, Primeira edição em inglês. 2000, Tradução em português, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SEIDEL. Entertainment Tonight. ABC, 10 de dezembro de 1987. Citado por Seidel em *Face the Music*, p. 26.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

TOZER, A. W. *O Poder de Deus*. São Paulo: Ed Mundo Cristão. 1959.

ULRICH S. Leupold, “Learning from Luther? Some Observations on Luther’s Hymns”, *Journal of Church Music*, julho, agosto de 1966, p. 5, citado por Makugina Measuring the Music, p. 231.

WILKERSON, David. *Toca a Trombeta em Sião*. CPAD. Bangu, Rio de Janeiro-RJ. 1988.

WHITE, Eleen G. *Música: Sua influência na vida do cristão*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Procuram-se Pregadores como Paulo*. CPAD. Bangu, Rio de Janeiro- RJ. Junho de 2015.